

se deixa fotografar pacientemente em todos os ângulos imaginados por Vera Gonçalves, enquanto uma voluptuosa morena, digna de uma tábua de Gauguin, serve cafezinho e suco de frutas. "Hoje está até fresco, com esse ventinho bom. O calor aqui costuma chegar aos 45 graus", comenta.

PÉ NA ESTRADA

Calor que deve ter contribuído para cozinhar os miolos do poeta algumas décadas atrás, quando deu as costas à fortuna, rejeitando um cartório de notas para cair no oco do mundo, numa viagem sem lenço e sem documento pela América Latina, cumprindo um roteiro que, curiosamente, seria repetido anos depois por um jovem argentino que, com o apelido de "Che", viria a se tornar o mais célebre revolucionário latino-americano. Manoel de Barros não se tornou revolucionário político, mas amadureceu o seu "sentimento do mundo", consolidando uma experiência sensível que viria a ser traduzida na esfera da poesia por um mergulho cada vez mais profundo na origem das coisas e das palavras.

Peregrinou por Bolívia, Paraguai, Peru, Equador... "Ele foi um *hippie avant la lettre*, inaugurando um comportamento que minha geração somente vivenciou décadas depois", comentou sua editora, Luciana Villas Boas. "Fui movido por um impulso interior de encontrar as raízes que viessem a alimentar minha poesia, pelo desejo de viver uma experiência primitiva pela qual eu sentia uma atração irresistível. Por que fui para lá, e não para Paris, por exemplo? A resposta está na minha poesia", confirma Manoel. Nos países hispano-americanos, ele se reencontraria também com a língua espanhola e com seus grandes poetas, Quevedo, Lorca, Machado. Conheceu pessoalmente alguns poetas seus contemporâneos, como o peruano Cesar Vallejo, além de artistas, índios, "cholos", gente do povo e vagabundos.

A excursão teria sua continuidade nos Estados Unidos, para onde resolveu viajar com o propósito de aperfeiçoar seu inglês. "Queria ler Pound e Elliot no original." Na Flórida, a primeira dificuldade com a língua. "Percebi que o inglês que eu sabia não valia nada, não entendia o que me diziam. Então me internei numa escola perto de Miami de onde saí pelo menos capaz de me fazer entender", observava com humor. De volta ao

Rio de Janeiro, o poeta pensou tornar-se diplomata e começou a estudar para o concurso do Instituto Rio Branco. "Minha mãe não se conformou, imaginando que eu ia passar o resto de minha vida no exterior. Eu já lhe tinha causado um grande desgosto antes, então, desisti. Também acho que nunca seria um bom diplomata", arremata Manoel.

ESTREIA ACONTECEU AOS 19 ANOS, NO RIO

Poemas concebidos sem pecado, primeiro livro de Manoel de Barros, escrito os 19 anos, veio a público numa fase de transição de vida em que cidadão e poeta lutavam para ocupar o espaço de sua existência. Livro ainda marcado pela inspiração religiosa de sua formação colegial, já prenuncia o artifício da palavra que viria a desabrochar depois.

O editor foi um amigo diplomata, Henrique Rodrigues do Vale, que era proprietário de uma prensa onde fazia pequenas tiragens. "Não o renego, acho até que é um livro muito bom", confessa, enternecido, o autor. Por essa época, Manoel tentava dar finalidade útil ao diploma de advogado que adquirira sem muito esforço e arranjou um emprego no Sindicato dos Peixeiros do Rio de Janeiro. "Naquele tempo, os barcos descarregavam o pescado na Praça 15, onde os peixeiros vinham buscar o produto para distribuí-lo pelas centenas de feiras livres existentes na cidade. Getúlio Vargas tinha editado uma lei de economia popular, então, eu e um outro colega ficávamos por ali, sentados numa mesinha, até que o telefone tocasse. Era a informação de que algum associado do sindicato tinha sido preso em qualquer bairro ou subúrbio do Rio, por fraude no peso. Nossa função era comparecer à delegacia e tirar o peixeiro da cadeia."

Mas a vida não era só trabalho, que ninguém é de ferro. O futuro escritor e quase advogado Manoel de Barros não frequentava rodas literárias – "por causa da minha timidez", explica –, mas acabou fazendo amizade com alguns dos mais destacados – e alguns outros nem tanto – intelectuais do Rio de Janeiro. Na vida boêmia, naturalmente.

"Um dos meus grandes amigos nessa época era o poeta mineiro Otávio Dias Leite, um tipo realmente extraordinário", comenta. Foi através dele que Manoel de Barros compareceu certo dia na casa de Aníbal Machado, que liderava um salão de grande prestígio intelectual no Rio de Janeiro,